

A PESCARIA QUE PEGOU FOGO!

O desafio de achar o local ideal para a pesca, acertar a isca, criar boas estratégias, enganar as Piranhas e ainda prevalecer sobre a força e a destreza dos peixes, fizeram da pescaria no Rio São Benedito uma experiência inesquecível

Texto: Francisco José Starling, equipe Mundo Pesca

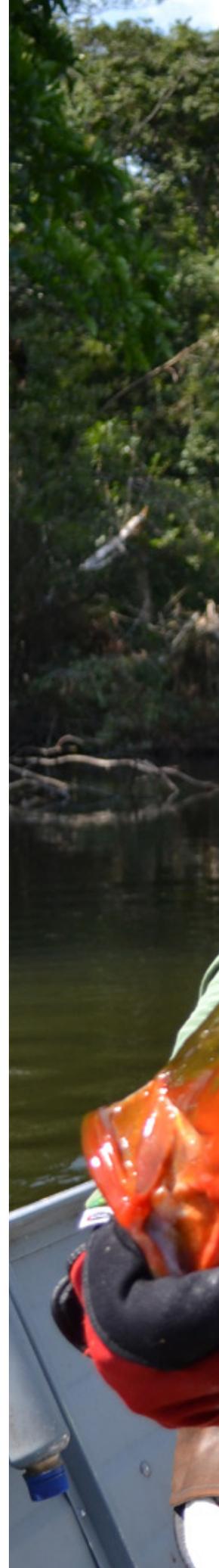
Fotos: Francisco José Starling e Angel Fragallo

Há muito tempo, vinha alimentando um sonho: conhecer o Rio São Benedito, no Sul do Pará, pois além de piscoso, tem natureza exuberante e muita mata preservada, sendo há tempos uma reserva de pesca esportiva (Lei Estadual nº 6.167/98), onde somente é permitido o pesque-e-solte. Naquelas águas são famosos os imensos peixes de couro como Jaús e grandes Pirararas, além de Cacharas, Capararis e Jundiás. Igualmente famosos pela intensa briga e força que possuem, são os Tucunará-fogo, os Trairões pré-históricos, as grandes Bicudas e as atemorizantes Cachorras, que podem ter até dois dígitos de peso!

O local da pousada Salto do Thaimaçú é simplesmente lindo, em frente a uma cachoeira que propicia

ao hóspede-pescador dormir ao som de suas águas. Pela manhã e ao cair da tarde, é disponibilizada farta alimentação. Patos selvagens, grandes exemplares de Cachorras e outros peixes são facilmente vistos ao lado dos barcos estacionados, mas a pesca não é permitida nesse local.

Após um confortável traslado de Alta Floresta à pousada e um jantar delicioso, eu e o amigo Angel Fragallo - editor-chefe da revista Mundo Pesca -, na condição de fotógrafo-pescador, tivemos o merecido descanso, precedido dos dias de intensa atividade no Rio São Benedito e lagoas marginais. Logo fomos informados que durante os primeiros dois dias de pescaria, nosso guia seria o Aldo. Combinamos nossa primeira saída para às 6h da manhã do dia seguinte.







INICIANDO OS TRABALHOS

Com muita neblina e temperatura baixa, acordamos mais cedo e, após um café, nos dirigimos ao primeiro ponto de pesca, em busca do peixe mais procurado naquele local: o Tucunaré-fogo, de coloração amarela e preta, com toques de vermelho brilhante, principalmente nos arcos branquiais em sua porção ventral, que fazem lembrar brasas incandescentes. Por habitar corredeiras e áreas com muitos predadores - Piranhas-pretas enormes, que chegam à 3kg ou mais, Jacarés-açus com mais de quatro metros, entre outros -, desenvolveu muita musculatura e força, e quando fisgado, salta inúmeras vezes e briga muito antes de se entregar. É o “embaixador” do rio e, depois do Tucunaré-açu, o peixe mais procurado pelos pescadores estrangeiros que vêm ao Brasil.

No local escolhido, os peixes ainda estavam manhosos, acompanhando as iscas artificiais, mas não atacavam, talvez porque o dia ainda estivesse frio. Só com uma isca de meia-água floating (modelo Queen, do Nelson Nakamura, na cor osso), em trabalho lento - a famosa “chamadinha”, com que usualmente se pesca Robalos - veio o primeiro peixe ao barco, que mesmo sendo pequeno, exigiu muito

trabalho e perícia para ser capturado. Por aí começamos a imaginar como seria capturar um exemplar de 5kg ou mais.

Como os peixes só estavam “acompanhando” a isca, sem atacá-la na superfície, tentamos também a isca de subsuperfície (twich-bait), as de meia-água e até mesmo o jig, mas as ações foram bem esparsas e os peixes escassos. Somente quando o tempo esquentou um pouco foi que minha paciência e meus esforços com a isca Perversa (da Borboleta) foram recompensados, com um segundo exemplar, que mesmo sendo de tamanho médio, rendeu uma boa briga.

A natureza exuberante - com socós, pássaros dos mais diversos, jacarés-açus, capivaras, antas, dentre outros -, nos brindou com imagens, sons e aromas que nos mantiveram entretidos e alertas. Após o almoço, trabalhamos iscas artificiais e tivemos alguma adrenalina com ações que não se confirmaram em fisgadas. Perto do entardecer, finalmente, tivemos uma fisgada. Uma Piranha Preta de bom porte (2kg) atacou a isca de meia-água e posou para as fotos. Foram pegos também um Jacundá e uma pequena Traíra, que guardamos para utilizar de isca para os peixes de couro. No local escolhido



pelo guia, tivemos algumas ações, mas somente uma resultou em fígada, que foi sucedida por muitos saltos de uma Cachorra de 4kg, fotografada e solta poucos antes do nosso retorno à pousada.

SEGUNDO DIA

A meta era a pesca de Tambaquis na ceva. Fizemos a reserva da ceva previamente e para lá nos dirigimos bem cedo. Chegamos ao local sem fazer barulho, desligando o motor do barco um pouco antes e fazendo a aproximação - final com o remo. Eu, que já havia pescado a espécie anteriormente, fui cumprindo meu ritual: coloquei meu cinto de briga - para assentar o cabo da vara durante a peleja, evitando firmar a vara no abdômen/barriga e os hematomas daí decorrentes -, minha luva de algodão - para nas tomadas frenéticas de linha comuns neste tipo de pescaria, não 'fritar' o polegar ao colocar o dedo no carretel que se esvazia rapidamente - e posicionei os alicates próximos a mim, procurando uma posição confortável para aguardar os acontecimentos. Meu parceiro de pesca observava e seguia o ritual, pois nunca havia pescado Tambaquis. A massa de ceva foi preparada, em forma de grandes coxinhas,

que eram moldadas nos anzóis de 7/0 com encastoador rígido de apenas 2cm, especialmente feitos para tal modalidade de pesca pelo meu amigo Ailton, de Belo Horizonte.

Arremessos feitos, ficamos à espera, mas somente os grandes cardumes de Curimbas (Curimatás) estavam ativos na área e não tivemos nenhuma ação dos peixes redondos. Fomos novamente atrás dos Tucunarés e batemos iscas artificiais durante todo o dia sem qualquer ação. Para nos alegrar, a fauna local nos brindou com momentos aprazíveis, como o de um bando de jacus-ciganos que, mesmo tendo pousado muito próximos ao nosso barco, não pararam os rituais de acasalamento. Mais para o final da tarde, o Angel conseguiu fisgar dois bons Tucunarés-fogo, um dos quais com isca de hélice, alcançou 3kg. Este exemplar ainda tinha dois ocelos na cauda, quando o comum é apenas um, imitando um olho, que tem a função de atrair o ataque do peixe predador para o rabo do Tucunaré, facilitando sua fuga.

Pouco antes do anoitecer uma pequena Piranha foi fisgada na minha isca popper e serviu de isca para a pesca no começo da noite, resultando em três toletes de peixe, dos quais dois foram roubados pelos peixes junto aos taropes (vegetação aquática flutuante, sob a qual os peixes ficam escondidos, saindo apenas para se alimentar) e o terceiro e último foi atacado com violência por outra Cachorra-larga, desta vez um pouco maior, com seus 5,5kg, que na escuridão da noite nos deu muito trabalho para ser embarcada e fotografada.

Uma dica: Antes da soltura do peixe (principalmente durante a noite), é conveniente que o guia/piloteiro verifique nas proximidades, com a lanterna, a existência de algum jacaré-açu - cujos olhos brilham como brasas com o foco luminoso -, pois tanto as Cachorras quanto as Bicudas têm recuperação lenta, precisando ser bem oxigenadas antes de serem soltas.

Voltamos à pousada e alguns piloteiros locais nos disseram que, possivelmente, alguma variação de pressão atmosférica durante o dia resultou nas ações reduzidas. Após o jantar conhecemos Vavá, nosso novo guia. Traçamos a estratégia para o dia seguinte, tendo por alvo Tucunarés-fogo e Trairões. Vavá nos explicou que, como os peixes estavam errando as iscas de superfície e refugando as de meia-água e de subsuperfície, devíamos tentar as iscas naturais, alimento usual da fauna local. Optamos pelas Tuviras.



FORÇA E EXUBERÂNCIA DOS PEIXES

Um novo dia. Nossas expectativas estavam focadas no trabalho do guia Vavá, pois apesar do local maravilhoso e das ótimas condições de hospedagem, ainda tínhamos pouco material para esta reportagem. Vavá estava bem motivado a nos levar até o peixe e, como estratégia, nos informou que iríamos a um local mais distante. Iniciamos a jornada de 3 horas até o ponto de pesca, o Lago da Ilha. No caminho, capivaras, ariranhas e jacarés-açus davam um show à parte. Continuamos subindo o rio e passamos por um cenário desolador. Em um trecho da margem, ladeado por floresta intacta, havia uma área com as árvores - mesmo as de troncos grossos -, quebradas como se fossem palitos-de-dente. O guia nos explicou que tais locais foram atingidos por um fenômeno meteorológico chamado de 'ban-



zeiro', vento muito forte e localizado, como se fosse um mini-tornado, que arrasa somente alguns locais, deixando os demais intocados.

Finalmente, chegamos. Vavá desligou o motor e foi posicionando o barco mansamente, enquanto preparávamos o material a ser utilizado, composto de varas de 1,70 a 1,75m, de 20 a 25lb, linha multifilamento de 30 a 40lb, anzóis com pequeno encastoadão de aço flexível de 10cm (para evitar que os dentes de Trairões e Piranhas rompessem a linha) e anzóis 7/0 iscados com Tuviras. O guia foi nosso mestre e nos indicava onde deveríamos fazer os arremessos, se deveriam ser longos ou curtos, se o trabalho das iscas seria com movimentos rápidos, lentos ou se deveríamos deixá-las paradas. E mais: só pela corrida já informava qual o peixe fisgado. Arremessei bem rente à vegetação e trabalhei lentamente a Tuvira por duas vezes com recolhimento curto. Uma pancada seca interrompeu a trajetória e tive a surpresa de fisgar um grande Tucunaré-fogo, que fez um lindo salto, precedido por uma forte corrida em direção ao barco. Mantive a linha tensa durante toda a luta e após quatro pulos acrobáticos o peixe foi embarcado. Se tratava de um grande macho com 5,5kg, que foi liberado após uma frenética rabanada, esparramando água para todo lado.

Pouco tempo depois, uma nova ação nos rendeu uma linda fêmea de 4,5kg. Trocamos a isca, repetimos a ação e fizemos a captura de outra fêmea de 3kg. Enquanto as ações se sucediam o guia ia remando lentamente, de modo que o trecho logo atrás de nós "descansasse" até completarmos a volta, para tornarmos a arremessar no local. De repente, em um arremesso próximo aos aguapés, o Angel - que é ligado em iscas artificiais e reclamava por estar pescando com Tuviras -, senti um tranco em sua isca, com uma corrida mansa e em direção ao fundo. A vara vergou e o Vavá anunciou: é o Trairão! Recolhi minha linha para não atrapalhar e todos no barco se concentraram na captura, mesmo tão próxima das plantas aquáticas. O peixe tomava linha como queria, mesmo com a fricção muito bem regulada e apertada. Em um último esforço, tentou abrigar-se sob o mato, mas com muita paciência, Angel venceu a batalha e trouxe para bordo um grande Trairão, com peso estimado entre 10 e 11kg! Com grandes dentes afiados, não deixava que lhe colocassem o alicate de contenção e muito menos a balança digital. Era mais robusto que comprido. Foi fotografado e solto com todo cuidado, já que a espécie é conhecida por sua ferocidade e mau humor.

Passadas outras ações, avistamos um ambicionado dublê, que nos levou à loucura. Cada peixe



tomava linha e pulava de um lado do barco. Às vezes tentavam se embarçar e tínhamos que ter cautela. Era um casal de Fogos, com o macho maior, em torno de 5kg. A fêmea era menor, com 4,5kg. Foram fotografados e soltos lado a lado, nadando juntos para o fundo calmamente, como que fazendo pose para as fotos de despedida.

Finalmente, na lagoa seguinte, mais três ações de grandes Tucunarés, duas fêmeas e um macho, sendo o macho de 4kg com nadadeiras dorsais muito azuis encimando um corpo com as manchas pouco visíveis em um fundo verde sarapintado de amarelo e dois ocelos na cauda. As fêmeas eram maiores, de 5 e 5,5kg, com um colorido tão berrante que não havia como não associar sua imensa força e beleza com as mesmas qualidades do elemento fogo.

MEU TRAIRÃO

Ainda frustrado porque só o Angel havia pescado o Trairão, insisti em arremessar em um trecho com muitos galhos e raízes submersas, mesmo sabendo que o anzol poderia enroscar. Senti então uma batida sutil e diferente. O peixe carregou a isca por algum tempo, mas quando tentei esticar a linha para fisgar, ele soltou. Arremessei de novo no mesmo local e a situação se repetiu. No terceiro

arremesso, mesmo com a linha seguindo em direção a um grande tronco caído, aguardei até que o peixe pesasse na linha para só então aplicar-lhe a ferrada, já iniciando o recolhimento, afastando o exemplar do obstáculo. O peixe vinha mansamente próximo ao barco e então deu uma tomada frenética de linha, fazendo cantar bonito o freio da carretilha! Controlei a corrida e mais duas que se seguiram e, para minha surpresa, o enorme Trairão saiu da água como um foguete, em um salto. Mantive a linha tensa e as sacudidas do peixão foram inúteis. Pulou mais três vezes, encostou no barco e foi embarcado. Só então notamos um pequeno sangramento em seu rabo e constatamos que outro Trairão o havia atacado. Sendo superficial o ferimento, logo parou de sangrar e, após as fotos, o grande exemplar (também acima dos 10kg) foi levado para uma abertura entre os troncos caídos, oxigenado lentamente e solto. Que maravilha. Missão cumprida!

EM BUSCA DAS PIRARARAS

Durante a parada para o almoço, uma isca foi arremessada e o Angel fisgou mais um Tucunaré-fogo, seguido por um pequeno cardume de Bicudas. Ao ver as Bicudas, o parceiro endoidou e, com uma isca





de hélice (modelo 'palhacinho'), foi agraciado com uma violenta corrida. Mas, após três saltos e contorções, a grande Bicuda escapou. Mudamos de ponto e novos Tucunhões-fogo vieram nos saldar, chegando o Angel a capturar uma linda fêmea de 4kg. Depois, os peixões se engraçaram comigo. Primeiro uma linda fêmea de 3,5kg, depois um macho de 5kg. O terceiro era um machão, com nadadeira dorsal de um intenso azul, metade superior do corpo amarela com pintinhas negras e a parte inferior alaranjada tendendo ao vermelho vivo nos arcos branquiais. Pesava 4,5kg e era uma pintura viva!

Às 15h30 encerramos a pescaria de peixes de escamas, capturamos algumas Piranhas e nos dirigimos ao primeiro poço, visando capturar peixes de couro. Nosso alvo eram as imensas Pirararas. O guia começou a preparação das iscas com Piranhas inteiras, iscadas pelos olhos, tirando um filé de cada lado, de forma a atrair primeiramente outras Piranhas que no frenesi alimentar atraem por sua vez as Pirararas. Lançados os engodos, aguardamos por uns 40 minutos e então as Piranhas pararam de atacar as iscas. Quando isso ocorre, ou a isca acabou ou o predador está por perto. Dito e feito. Após breve beliscada a vara pesou e fui dando linha, travei a carretilha e fisguei com vontade.

O peixe reagiu e iniciou a briga, interrompida bruscamente, pois com a ferrada, a isca subiu na linha e as Piranhas cortaram-na. Reiniciamos o ritual sabendo que, após sentir o anzol, o peixe não volta normalmente a atacar. Logo que as novas iscas foram lançadas, as Piranhas chegaram. Desta vez, paravam e voltavam a atacar. Mais de 30 minutos depois, e com as idas e vindas dos ataques das Piranhas - que dão e impressão que a isca está em um liquidificado -, fazendo a vara de pesca tremer e vibrar incessantemente-, me descuidei e coloquei a vara no secretário do barco, travada e sem acionar o alarme da carretilha. Quando meus companheiros me alertaram já era tarde. A vara estava totalmente vergada e não consegui tira-la para aplicar a ferrada. Perdi o peixe. Tentamos ainda em outros poços no caminho de volta a pousada, mas não tivemos êxito.

ÚLTIMO DIA

Planejamos mais uma tentativa de pescaria de Tambaquis para encerrar com chave de ouro, mas os espécimes esperados não apareceram. Às 9h30, após capturar um único exemplar de Pacu-flamengo - reservado para nosso almoço à beira rio -, optamos por sair em busca de iscas para pescaria de peixes de couro, no sistema de rodada com iscas vivas. Fomos parando nas galhadas existentes a beira do rio para pescar Piaus de cabeça gorda. Com o estoque completo, iniciamos a rodada, em raseiras, com isca de Piau, visando Cacharas, Capararis e até algum Trairão desavisado. Logo no primeiro arremesso, as Piranhas encontraram minha isca, deixando, contudo, a isca do Angel inteira, que sentiu a beliscada e a carregada, fisgando com vontade o que achava que seria sua primeira Cachara. A surpresa foi um belo Tucunaré-fogo. Mudei meu ponto de arremesso para me livrar das Piranhas. Veio a primeira cutucada na isca, como se estivessem batendo a porta: um toque, mais dois e aí a carregada seguida da minha fisgada. O peixe deu trabalho e, após uma boa briga, vi que se tratava de uma Cachara de pouco mais de 5kg.

Um alerta! Não importa o tamanho do Bagróide, suas espinhas das nadadeiras peitorais e dorsais são sempre perigosas. Use o alicate de contenção e não se descuide na hora das fotos, pois as farpas em tais espinhas facilitam a entrada na pele e só saem rasgando o tecido. Em caso de acidentes mais leves, coloque gelo. Se o local atingido for a palma da mão,



é melhor procurar um médico, pois a retirada envolverá cuidados para não lacerar nenhum nervo, prejudicando suas funções.

Depois da Cachara ser fotografada e devidamente solta, vimos uma movimentação nas margens e era um pequeno cardume de Tucunarés caçando forrageiros, oportunidade muito bem aproveitada pelo Angel, que arremessou no meio da bagunça uma hélice e no segundo movimento da isca já fisgou nosso complemento para o almoço.

Rumamos para uma pequena clareira na mata. Lá, Vavá catou lenha, fez uma fogueira, limpou e temperou os peixes, que ficaram marinando até a fogueira estar em brasa. Em pouco tempo degustamos um delicioso peixe assado. Após um breve descanso, notamos próximo ao barco um jacaré-açu de aproximadamente 3 metros, que juntamente com





alguns gaviões pretos, sentiram o cheiro de nossa comida e vieram catar as sobras. Fotografamos e partimos para a pescaria da tarde.

Nossa programação era: pescar mais iscas de Pirarara (Piranhas-pretas), tentar localizar os Bagrões até as 17h e voltar à ceva de Tambaquis.

Aproveitando as iscas de Piau que sobraram da rodada, encostamos em um grande poço de uma das curvas do rio e nos arremessos que se seguiram eu e o Angel fizemos um dublê de Palmitos (também conhecido como Mandubé, Fidalgo ou Boca Larga) com direito a muitos saltos fora d'água (o Palmito é o único peixe de couro que apresenta tal comportamento).

Com uma boa quantidade de Piranhas, paramos em um poço e, com a isca na água, Angel colocou a vara no secretário, distante apenas 1m dele, com a fricção aberta e o alarme ativado, mas o peixe ata-

cou tão violentamente que sequer deu tempo de retirar a vara e ferrar. Mais uma Pirarara perdida. Nos demais poços, apenas outra ação com o peixe largando a isca antes da ferrada. No horário combinado voltamos à pesca do Tambaquis, sem êxito. Angel ainda fogueou dois Pacus-borracha.

HORA DE VOLTAR

Encerramos a pescaria e voltamos à pousada para jantar e arrumar nossas tralhas, pois o traslado para a cidade de Alta Floresta seria na manhã seguinte. Apesar dos poucos peixes nos dois primeiros dias, a pescaria foi perfeita. Tivemos muitas ações, comprovando tanto a variedade de peixes existentes no local, quanto a enorme força física dos exemplares, principalmente dos Tucunarés-fogo, espécie endêmica, só existente naquela região amazônica (rios



Azul e São Benedito). Um único exemplar de Tucunaré foi capturado por mim, que fugiu do padrão de coloração típica dos Tucunarés-fogo. Tinha apenas uma meia mancha na lateral do corpo, nadadeira dorsal e lóbulo superior da cauda azul arroxeado. O lóbulo inferior da cauda era vermelho sangue, sem nenhuma pintinha preta, comum à espécie. Dourado no lombo, passando do acinzentado no meio da lateral a uma cor alaranjada, sendo a barriga totalmente branca. Só os opérculos, próximos às guelras, é que eram vermelhas. Pelo tempo exíguo de que dispúnhamos, não foi possível a pesca dos enormes Jaús existentes nos poços próximos das cachoeiras locais e nem dos Tambaquis, Jundiás, Capararis. Ainda voltaremos para capturar tais espécimes em um futuro próximo.

A pousada superou todas as nossas expectativas, com uma estrutura que é o sonho de consumo para os pescadores esportivos, aliando conforto com preservação e sustentabilidade. Desde o receptivo, todas as instalações e serviços são perfeitos. Destaque para os guias, exímios conhecedores do rio e da

floresta, dos bichos, dos peixes e seus hábitos. Além disso, conta com um importante pré-requisito para atender a todos que para lá se dirigem: acessibilidade para deficientes físicos. Graças a tal adequação, o pescador Marcelo que esteve hospedado durante nossa estadia, um animado cantor de modas de viola, pôde se deslocar com sua cadeira de rodas livremente pela pousada, indo pescar confortavelmente na proa do barco, demonstrando técnica e perseverança na busca de seus peixões.

Agradecimentos especiais à Eunice, ao Beto, ao Preto, ao Anderson, e ainda aos amigos e guias, experts em rio, Aldo e Vavá. E, finalmente, um abraço de agradecimento ao amigo e pescador belorizontino Alexandre (Pesca&Prosa) pelas dicas. Até a próxima pescaria! **MP**

■ SERVIÇO

SALTO THAIMAÇU LODGE
Rio São Benedito, Sul do Pará
(66) 3563-2055
// www.thaimacu.com.br

DICA